

Bioética: como proteger a dignidade humana da ciência e da tecnologia¹

Daniel C. Dennett

Muitas pessoas temem que a ciência e a tecnologia estejam transgredindo domínios da vida de uma forma que mina a dignidade humana, e estas pessoas vêem isso como uma ameaça que precisa ser combatida vigorosamente. Eles estão certos. Existe uma crise real, e carece de nossa atenção agora, antes que danos irreparáveis sejam feitos ao frágil ambiente de crenças e ações mutuamente compartilhadas sobre o qual uma concepção preciosa da dignidade humana de fato depende para sua existência. Vou tentar demonstrar que o problema é real e que as respostas mais favorecidas ao problema estão profundamente enganadas e fadadas a falhar. Existe uma solução que tem uma boa chance de sucesso, no entanto, e que emprega princípios que já entendemos e aceitamos em momentos não tão graves. A solução é natural, razoável e robusta ao invés de frágil, e não requer colocar o gênio da ciência dentro da garrafa novamente, visto que isto seria praticamente impossível. A ciência e a tecnologia podem florescer sem fim enquanto obedecendo princípios restritos que são poderosos o suficiente para assegurar até o endosso não qualificado dos investigadores mais descuidados. Podemos ter dignidade e ciência também, mas somente se encararmos o conflito com mentes abertas e um senso de causa comum.

O problema

A vida humana, diz a tradição, é infinitamente valiosa, e até mesmo sagrada: não deve ser submetida a procedimentos não naturais, e é claro que não deve ser exterminada deliberadamente, exceto (talvez) em casos especiais como uma punição capital ou durante uma guerra justa. “Não debes matar”. A vida humana, diz a ciência, é um fenômeno complexo de diversos graus e variações, não marcadamente diferente da vida animal, vegetal ou bacteriana em geral, e facilmente acomodada a variadas extensões, redireções, divisões e términos. A questão de quando a vida (humana) começa e termina, e que possíveis variáveis contam como (sagrada) vida humana em primeiro lugar, é, de acordo com a ciência, mais como uma questão da área de uma montanha do que sua altitude em relação ao plano do mar: depende da definição convencional das condições de fronteira. A ciência promete – ou ameaça – substituir os absolutos tradicionais sobre as condições da

¹ Artigo traduzido por Manuela Musitano e Raquel Cardoso de Castro do original “How to Protect Human Dignity from Science”, terceiro capítulo da obra “Human Dignity and Bioethics: Essays Commissioned by the President’s Council on Bioethics”, publicada em março de 2008.

vida humana por uma série de complicações relativistas e a negação de qualquer distinta fronteira sobre a qual apoiar a tradição.

Platão falou de procurar os universais que “moldam a natureza em suas articulações”², e a ciência nos deu uma maravilhosa taxonomia que faz justamente isso. Identificou elétrons e prótons (que tem a massa de 1.836 elétrons e uma carga positiva), distinguiu os elementos químicos, articulou e confirmou a “Árvore da vida” que mostra porque “criaturas com espinha dorsal” moldam a natureza melhor do que “criaturas com asas”. Mas a fronteira rápida e lógica que a ciência nos dá não inclui qualquer articulação onde a tradição as necessita. Em particular, não existe momento algum de espiritualização a ser descoberto no processo complicado que se segue depois que o esperma encontra o óvulo e começam a produzir um embrião (talvez até gêmeos ou trigêmeos – quando eles ganham almas individuais?), e não existe um momento em que a alma deixa o corpo e a vida humana termina. Além disso, quanto mais entendemos, cientificamente, sobre estas complexidades, mais práticas elas se tornam, tecnologicamente, de serem exploradas de formas totalmente novas para as quais a tradição está completamente despreparada: fertilização *in vitro* e clonagem, transplante de órgãos e o prolongamento artificial da vida – quando de uma forma ou de outra a maior parte de seus aspectos *sagrados* já se foram. Quando começamos a tratar corpos vivos como placa mãe sobre o qual reunimos *cyborgs*, ou como uma coleção de partes a serem vendidas ao lance mais alto, onde vai tudo terminar? Não é possível parar só uma parte, proibindo (um pouco) da tecnologia. A tecnologia pode prover o *faits accomplis* que demonstra além de toda controvérsia que a ciência está no caminho certo, mas muito antes da tecnologia estar disponível, a ciência provê as mudanças significantes na re-conceitualização, novas possibilidades de perspectivas, que vão condimentar a nossa imaginação de agora em diante se tornem ou não as possibilidades práticas. Estamos entrando em um novo mundo conceptual, graças à ciência, e não se harmoniza confortavelmente com a nossa concepção tradicional de nossas vidas e o que significam³.

Em particular, os que temem este crescimento rápido desta perspectiva científica pensam que esta vai destruir algo precioso e irreparável em nosso esquema tradicional, subvertendo as últimas presunções da preciosidade humana que fundamentam – eles

² Phaedrus 265d-266^a

³ O filósofo Wilfrid Sellars, em seu ensaio “Philosophy and the Scientific Image of Man” (in Science, Perception and Reality [London: Routledge and Kegan Paul, 1963]), a distinção entre a imagem manifestada da vida cotidiana, com suas tabelas e cadeiras, árvores e arco-íris, pessoas e sonhos, e a imagem científica dos átomos e das partículas e ondas de radiação eletromagnética, e observou que a tarefa de colocar essas duas imagens em registro está longe de ser simples. A dimensão de significado, que reside unicamente, parece-nos a imagem do manifesto, é resistente, tanto para a redução (química do caminho, supostamente, reduz a física) e para qualquer tipo menos exigente de unificação ou de coordenação com a imagem científica. A tensão que estamos explorando aqui é um caso particularmente vívido e perturbador da tensão entre essas duas imagens.

acreditam – o nosso mundo da moralidade. Estranhamente, não tem se dado muita atenção a pergunta de como exatamente a elevação da perspectiva científica subverteria estes princípios tão cultivados – e a este respeito, há um parentesco com a crença de que o casamento homossexual de certa forma subverteria valores familiares tradicionais – mas existe uma boa explicação para este gap nesta análise. O psicólogo Philip Tetlock identifica valores como sagrados quando estes são tão importantes para os que os guardam que o próprio ato de os reconsiderar é ofensivo⁴. O comediante Jack Benny era famosamente mesquinho – ou pelo menos assim se apresentava no rádio e na televisão – e uma de suas melhores paródias era a que um mendigo colocava a arma em suas costas e gritava “Seu dinheiro ou sua vida!” Benny ficava parado em silêncio. “Seu dinheiro ou sua vida!” repetia o mendigo com impaciência. “Estou pensando, estou pensando” Benny respondia. Isto é engraçado porque a maioria de nós nem pensa em tal troca. Ninguém deveria ter que pensar em tal troca. Deveria ser impensável. “A vida é sagrada e nenhuma quantia de dinheiro seria justa em troca de uma vida, e se você ainda não sabe disso, o que há de errado com você? Transgredir essa fronteira, anexar um valor monetário a uma amizade, a uma criança, a lealdade ao país, e se desqualificar de seu papel social”⁵.

Tetlock e seus colegas conduziram experimentos inteligentes (às vezes preocupantes) nos quais as pessoas eram convidadas a pensar sobre determinados tabus, como pagar ou não alguém para ter uma criança para você, ou pagar alguém para prestar o seu serviço militar. Como previram, muitos ficaram em um estado de “contemplação”, se sentindo culpados ou até com raiva de serem submetidos a se questionar sobre tais escolhas. E quando dada a oportunidade pelos experimentadores de engajar em uma “limpeza moral” (voluntariando-se para algum serviço comunitário relevante, por exemplo) verificou-se que foi maior o número de voluntários que foram submetidos a pensar sobre tabus do que os do grupo experimental (que foram submetidos a questões “não sagradas” como contratar uma empregada doméstica ou não, ou comprar comida pronta ao invés de cozinhar em casa)⁶.

⁴Ver Philip Tetlock, “Coping with Trade-offs: Psychological Constraints and Political Implications”, no *raciocínio político e Choice*, ed. Arthur Lupia, Matthew D. McCubbins e Samuel L. Popkin (Berkeley, Califórnia: University of California Press, 1999), “Thinking the unthinkable: sacred values and taboo cognitions”, *Trends in Cognitive Science* 7 (2003): 320-324; e Philip Tetlock, Peter A. McGraw, e Orié V. Kristel, “Proscribed Forms of Social Cognition: Taboo Trade-Offs, Forbidden Base Rates, and Heretical Counterfactuals”, in *Relational Models Theory: Uma Visão Contemporânea*, ed. Nick Haslam (Mahway, Nova Jersey: Erlbaum, 2004), p. 247-262 em linha, este último também está disponível como Philip E. Tetlock, V. Orié Kristel, Beth S. Elson, Melanie C. Verde, e Jennifer Lerner, “The Psychology of the Unthinkable: Taboo Trade-Offs, Forbidden Base Rates, and Heretical Counterfactuals”, em:

<http://faculty.haas.berkeley.edu/tetlock/docs/thepsy~1.doc>.

⁵ Tetlock, et al., op. cit., p. 6 na versão online.

⁶ Material em dois parágrafos precedentes é extraído da minha *Breaking the Spell: Religion as a Natural Phenomenon* (Nova York: Viking Penguin, 2006), pp. 22-23.

Então, não é surpresa que relativamente pouca atenção tenha sido dada para se mapear os caminhos pelos quais a ciência e a tecnologia talvez tenham subvertido o valor da vida. Se você sente a força da admoestação “Nem pense sobre isso!”, você vai evitar o tópico distraído a sua atenção para outras coisas, se é que isso é possível. Eu sei por experiência que alguns leitores deste ensaio já estarão a esta altura se sentindo desconfortáveis ou até mesmo culpados por se permitirem levantarem questões sobre tais tópicos, de tão forte é o tabu de pensar o impensável, mas eu os encorajo a continuarem comigo, visto que a política que eu vou propor talvez seja mais eficaz do que a que possuem.

O fato de que a ameaça não foi bem articulada não significa que não é real e importante. Vou tentar ser mais claro desenhando alguns paralelos. Como a mudança climática, é também uma ameaça ambiental e global (o que significa que você não pode simplesmente mudar para um lugar diferente onde o ambiente não tenha sido danificado), e o tempo está correndo. Enquanto o aquecimento global ameaça afetar muitos aspectos do ambiente físico – a atmosfera, a flora, a fauna, as calotas polares e o oceano – e portanto alterar a geografia de maneira catastrófica de tal forma que será difícil ou impossível sua recuperação, a ameaça à dignidade humana afeta muitos aspectos do que podemos chamar de *ambiente de crença*, presunções, expectativas comuns – o que é subestimado sobre quase todo mundo e que todo mundo espera que todo mundo subestime.

O ambiente de crença joga um papel importante no bem-estar humano assim como o ambiente físico, e sob determinados pontos é mais importante e mais frágil. Muito disso tem sido reconhecido por séculos, particularmente pelos economistas, que de longa data apreciam como uma moeda pode perder o valor da noite para o dia, por exemplo. Hoje confrontamos os espantosos buracos sociais conhecidos como estados falidos, onde o colapso da lei e da ordem tornam quase impossível uma restauração de uma vida decente. O que importa nestas condições terríveis é como as pessoas de um modo geral assumem se estão erradas ou certas. Talvez seja mais seguro para elas arriscarem-se a sair para as compras, ou investirem em uma fábrica de vestimentas, ou plantarem suas colheitas, mas se elas de um modo geral não acreditarem nisso, não vão conseguir retomar nada ao normal e não vão conseguir reacender uma sociedade trabalhadora. Isto cria um ambiente de crença onde há um forte incentivo para os mais virtuosos mentirem vigorosamente, só para preservar o que resta do ambiente de crença. Face a uma situação de deterioração, acreditando que a verdade só possa acelerar o declínio, enquanto a pequena criação de um mito talvez possa salvar o dia. Não é uma situação feliz.

E isso é o que as pessoas temem acontecer se prosseguirmos com essa corrente exploração científica e tecnológica de fronteiras da vida humana: logo vamos nos encontrar em uma situação deteriorante onde as pessoas – acertadamente ou erroneamente – começam a saltar para conclusões sobre a não-santidade da vida, o consumo de todos os aspectos da vida, e será muito tarde para salvar as posturas prevalecentes que nos protegem de algo como um estado falido, uma sociedade na qual a segurança necessária

para relações interpessoais normais foi diluída, fazendo a confiança, o respeito e até mesmo o amor impossíveis. Face a este medonho prospecto, torna-se tentador pensar em promulgar uma mentira sagrada, um mito que possa nos carregar tempo suficiente e escorar nossa segurança debilitada até que possamos restaurar “a lei e a ordem”.

É neste momento que a doutrina da alma entra. As pessoas têm almas imortais de acordo com a tradição, e é isso que as tornam tão especiais. Deixe-me colocar o problema de forma inequívoca: o conceito tradicional de alma como algo pensante imaterial, o *res cogitans* de Descartes, o locus interno em cada corpo humano de todo o sofrimento, e significado, e decisões, morais e imorais, foi absolutamente descreditado. A ciência banuiu a idéia de alma tão firmemente como banuiu sereias e unicórnios. Por que estamos tão relutantes de nos despedirmos dessa idéia? É óbvio que deve existir uma motivação não científica para acreditar nela. Se não temos almas, somos apenas animais! (E como você pode amar, respeitar, ou conceder responsabilidade a algo que só era um animal?)

O próprio significado de nossas vidas não depende da realidade das nossas almas imateriais? Não. Nós não precisamos ser feitos de dois tipos de substância diferentes, matéria e mente, para ter vidas moralmente significativas. A idéia de que todo o nosso esforço e amor, nossas nostalgias e arrependimentos, nossas esperanças e medos, dependem de um secreto ingrediente, uma pepita de especialidade imune à ciência que desafia as leis da natureza, é quase que um truque infantil: “Vamos juntar toda a maravilha da vida humana e arrastar para o buraco escondido e especial onde a ciência nunca pode chegar!”. Apesar desta mentalidade ter um certo charme medieval, vista sob a luz fria do dia, esta idéia é claramente desesperada, implausível e arriscada: é colocar todos os seus ovos em uma cesta, e ainda por cima uma cesta extremamente vulnerável. É vulnerável porque precisa declarar a ciência incapaz de dar qualquer luz sobre os diversos aspectos da consciência humana e da moralidade humana em um momento em que um progresso excitante está sendo realizado sobre exatamente estes tópicos. Um dos poucos grandes erros de Aristóteles foi declarar que o céu é feito de matéria diferente, totalmente distinta da matéria da Terra – um erro tático cuja a fragilidade se tornou óbvia quando Galileu e companhia iniciaram uma campanha para entender a física dos cosmos. Aderir similarmente a um conceito imaterial de uma alma em um tempo em que cada dia traz mais esclarecimento sobre como a base material da mente evoluiu (e continua evoluindo em cada cérebro) é um caminho certo para a obsolescência e extinção.

A alternativa é olhar para as ciências da vida para um entendimento do que de fato nos torna tão diferentes de outros animais, de formas moralmente relevantes. Nós somos a única espécie com linguagem, e arte, e música, e religião, e humor, e a habilidade de imaginar o tempo antes do nosso nascimento e depois da nossa morte, e a habilidade de planejar projetos que levam séculos para se desvelar, e a habilidade de criar, defender, revisar, e viver sob códigos de conduta, e – triste dizer – travar guerras em escala global. A habilidade de nossos cérebros de nos ajudar a prever o futuro, graças a cultura que transmitimos aos nossos jovens, ultrapassa a de qualquer espécie, o que nos dá o poder e

nos dá as responsabilidades de agentes morais. Somos a única espécie que pode saber o suficiente sobre o mundo para ser logicamente reponsabilizado de proteger seus preciosos tesouros. E quem na Terra poderia nos responsabilizar por isso? Só nós mesmos. Outras espécies – os golfinhos e os macacos – exibem sinais fascinantes de protomoralidade, uma capacidade cooperar com e cuidar dos outros, mas nós somos os únicos animais que podem conceber *o projeto de levar uma vida boa*. Isto não é um misterioso talento, pode ser explicado⁷.

Aqui eu não vou tentar questionar as diversas linhas daquela explicação ainda em desenvolvimento, mas sim construir e defender uma perspectiva e um conjunto de políticas que podem proteger o que precisa ser protegido em uma luta pela apreciação das fundações da dignidade humana. Cientistas cometem seus erros em público, mas quase sempre somente outros cientistas os notam. Isto tem conseqüências tão graves que podemos até antecipar como a atenção pública – e a reação pública – será intensa, e poderia engendrar interpretações errôneas que poderiam danificar seriamente o delicado ambiente de crença no qual nós (quase todos) gostaríamos de viver.

E aqui está um exemplo da importância do ambiente de crença, e de como pequenas mudanças na sociedade podem causar mudanças não desejáveis. Em muitas partes da América rural as pessoas se sentem à vontade de deixar os carros e casas destrancados, dia e noite, mas qualquer camundongo campestre que tentar viver desta forma na cidade grande rápido aprende quão tola é esta política de confiança. A vida na cidade não é intolerável, mas é certamente diferente. Não seria legal se pudéssemos de alguma forma re-projetar o ambiente de crenças nas cidades de forma que as pessoas quase nunca sentissem a necessidade de se trancar! Nada mais que um sonho impossível. Ao mesmo tempo a América rural está longe de uma utopia e está caminhando para a urbanidade. O aprazível jeito do povo campesino consegue absorver um modesto número de roubos e invasões sem entrar em colapso, mas não custaria muito extingui-lo para sempre. Os poucos que vivem nesse mundo bem-aventurado e seguro o cultivam, por uma boa razão, e detestariam ter que deixá-lo, mas precisamos todos reconhecer que qualquer dia pode ser o último dia de portas abertas em nossa vizinhança, e uma vez que a mudança ocorra, seria muito difícil voltar atrás. Pois isto também é como a mudança climática, estas mudanças estão fadadas a serem irreversíveis. E ao contrário da mudança climática, chamar atenção para esta possibilidade pode talvez acelerar o processo, despertando e difundindo o que

⁷ Meu livro de 2003, *Freedom Evolves*, é dedicado a uma explanação de como a nossa capacidade de agência moral evoluiu e continua a evoluir. Ela começa com uma citação de uma entrevista de 1997 com Giulio Giorelli: “Sì, abbiamo UN'ANIMA. Ma è fatta di tanti piccoli robô .- Sim, nós temos uma alma, mas ele é feito de vários robôs minúsculos!” Estes robôs são os enxames estúpidos de neurônios e outras células que cooperam para produzir uma coisa que pensa, não apenas uma coisa pensante imaterial, como imaginou Descartes e a tradição tende a supor.

Douglas Hofstadter uma vez chamou de “dúvida reverberante”⁸. O dia em que o nosso jornal local começar a lançar uma série de porcentagens sobre o número de moradores que trancam suas portas e em que circunstâncias, este será o dia em que o trancamento de portas está fadado a se tornar a norma. Então os que são a favor de desviar a atenção de exames exaustivos destes tópicos delicados talvez estejam certos. Esta é a principal razão, eu acho, para o tabu de pensar sobre valores sagrados: pode algumas vezes colocar em risco seu status protegido. Mas, neste caso, já existe uma alta onda de interesse na forma como as ciências da vida estão iluminando a natureza da “alma”, logo, é melhor mudar da distração para a concentração e ver o que podemos fazer do ambiente de crenças sobre a dignidade humana e tratar suas vulnerabilidades.

A solução

Como vamos proteger o ideal de dignidade humana das várias incursões da ciência e da tecnologia? O primeiro passo para a solução é notar que as bases para as nossas ações a este respeito não serão traços locais de vidas humanas particulares, mas sim traços mais distribuídos no tempo e no espaço. Já existe um claro precedente em nossa atitude em relação ao cadáver humano. Mesmo pessoas que acreditam em uma alma imaterial e imortal não acreditam que os “restos” humanos abrigam uma alma. Eles pensam que alma partiu, e o que ficou pra trás é só um corpo, só matéria insensível. Um cadáver não pode sentir dor, não pode sofrer, não pode estar ciente de qualquer indignidade – mas mesmo assim nos sentimos fortemente obrigados de tratar um cadáver com respeito, e até mesmo com cerimônia, mesmo que ninguém esteja olhando. Por que? Porque acreditamos acentadamente ou moderadamente, que de certa forma a maneira como tratamos este cadáver agora terá conseqüências sobre como outras pessoas, ainda vivas, serão capazes de imaginar sua própria morte e os resultados. Nossa capacidade de imaginar o futuro é fonte de nosso poder moral e a condição de nossa vulnerabilidade. Não podemos deixar de ver todos os eventos em nossas vidas sob o que Hofstadter chama de implicoesfera de alternativas imagináveis – e o grande amplificador do sofrimento humano (e da alegria humana) e a nossa irresistível tendência de atencipar, com temor ou prazer, o que nos está reservado⁹.

Nós vivemos não somente no momento, mas no passado e no futuro também. Considere o conhecido conselho dado aos golfers: mantenha a cabeça baixa durante todo o swing. “Espera um minuto”, vem a objeção: “isso deve ser superstição! Uma vez que a bola é tacada, a posição da minha cabeça não tem como determinar sua trajetória. Este é um

⁸ Douglas Hofstadter, “Dilemmas for Superrational Thinkers, Leading up to a Luring Lottery”, *Scientific American*, June, 1983, reeditado com uma discussão de dúvida reverberante em *Metamagical Themas* (Nova York: Basic Books, 1985), pp. 752-755.

⁹ Douglas Hofstadter, “Metafont, Metamathematics and Metaphysics”, in *Language Visible*, agosto, 1982, reeditado com comentários em Hofstadter, *Metamagical Themas*, pp. 290, 595.

conselho nada científico!” Absolutamente. Visto que planejamos e executamos todas as nossas ações em um ambiente de crenças antecipado e temos um limitado e indireto controle sobre as nossas ações, pode muito bem ser o caso de que para realizar um swing que de fato afete a trajetória da bola seja realmente necessária essa concentração final na tacada. Longe de ser superstição, pode-se ver que o conselho segue uma lógica de fatos descobertos em uma análise da forma como nosso sistema nervoso guia os nossos músculos.

Nosso respeito por cadáveres também é um caso claro de uma prática sábia que não depende de encontrar um ingrediente especial (ou até sobrenatural) que justifique ou demande este tratamento. Existem outros exemplos com a mesma característica. Símbolos jogam um papel importante na manutenção do equilíbrio social. Se adotássemos a política “eficiente” de dispor dos cadáveres humanos colocando-os em grandes sacos biodegradáveis para serem levados junto com o resto do lixo, isto afetaria nossas imaginações de forma que seria difícil ignorar e duro de tolerar. Claro que poderíamos nos acostumar com isso, da mesma forma que as pessoas da cidade se acostumaram a trancar as portas. Mas temos boas razões para evitar este caminho (As faculdades de medicina aprenderam a ser diligentes e respeitosas no trato com cadáveres em suas pesquisas. E aqueles que decidiram doar seus corpos para a pesquisa médica já se acostumaram com a idéia de estudantes dissecando e discutindo suas vísceras).

A mesma política e lógica se aplicam a decisões sobre o fim-da-vida. Nós lidamos com um cadáver com decoro e respeito mesmo sabendo que não pode sofrer, e estendemos esta prática para casos em que não sabemos como lidar. Por exemplo, uma pessoa em um estado vegetativo persistente pode estar sofrendo, ou talvez não, mas em ambos os casos adotamos uma política que cria uma zona de respeito e conforto. E, mais uma vez, o efeito a longo prazo sobre o ambiente de crenças é tão importante quanto, ou até mais importante que, quaisquer sintomas mensuráveis de sofrimento. (Em espírito semelhante, é importante que lobos e ursos sobrevivam em regiões selvagens do nosso mundo mesmo que nós quase nunca os vejamos. Só de saber que eles estão lá é maravilhoso e faz do mundo um lugar melhor. Dada a nossa imensa curiosidade e pendor para o cepticismo, nós precisamos checar de tempor em tempos a existência deles, é claro, e não se poderia medir o desastre se fossem extintos. Isto tem também implicações sobre o nosso tópico).

O que acontece quando nós aplicamos o mesmo princípio para o limite de outros aspectos da vida humana, a sua criação? A verdade científica é que não existe um bom candidato, e não haverá nunca, quase certamente, um bom candidato, para um momento de infusão da alma, quando um pacote simples de tecido vivo humano torna-se uma pessoa com todos os direitos e privilégios referentes a isso. Isso não deve ser visto como um sinal da fraqueza da percepção científica, mas sim como uma implicação familiar do que a ciência já descobriu. Um dos fatos fascinantes sobre os seres vivos é a maneira que prosperam no gradualismo. Considere a especificação: há incontáveis milhões de espécies diferentes, e cada um deles teve o seu início “em algum momento” na história de quase

quatro bilhões de anos de vida neste planeta, mas não há literalmente nenhum dizer exato de quando qualquer espécie passou a existir, porque o que conta como a especificação é algo que somente de forma gradual e cumulativamente, resulta muito mais de muitas gerações. Especificação só pode emergir no rescaldo. Considere os cães, os milhões de membros de centenas de variedades de *Canis familiaris* que povoam o mundo de hoje. Tão diferentes como são estas variedades-pensar de São Bernardos e pequinês, todos eles contam como uma única espécie, espécies cruzadas (com uma pequena ajuda mecânica a partir de seus cuidadores humanos) e todos facilmente identificáveis como pertencentes à mesma espécie, descendente de lobos, por seu DNA altamente semelhantes. Talvez uma ou mais destas variedades ou subespécies se torne uma própria espécie algum dia? Absolutamente. Na verdade, cada filhote nascido é um potencial fundador de uma nova espécie, mas nada sobre esse filhote de cachorro no dia do seu nascimento (ou para essa matéria, em qualquer dia da sua vida) pode ser apontada como a característica especial que marcou-o como Adão e Eva de uma nova espécie. Se ele morre sem problema, definitivamente não será encontrada uma nova espécie dele, mas contanto que tenha prole que o descendam. Isto poderá revelar-se, na plenitude dos tempos, para ser um bom candidato ou primeiro membro de uma nova espécie.

Ou considere nossa própria espécie, *Homo sapiens*. Poderia dividir em dois algum dia? Sim, pode, e de fato, em certo sentido, já teria acontecido. Considere dois grupos humanos vivos hoje que, provavelmente, não tiveram quaisquer ancestrais em comum nos últimos trinta mil anos: os inuit da Ilha Cornwallis no Ártico, e os Andaman Islanders vivem em isolamento notável no Oceano Índico. Suponha que alguma praga global varre o planeta em algum momento nos próximos cem anos (longe de ser uma impossibilidade, é triste dizer), deixando para trás apenas estas duas populações pequenas. Suponha-se que nos próximos quinhentos ou mil anos, por exemplo, vêm para repovoarem as partes do mundo desocupado por nós e descobrir que eles não são cópulas férteis com o outro grupo! Duas espécies, muito semelhantes na aparência, fisiologia e ancestralidade, mas, no entanto, como reprodutivamente isoladas como leões são de tigres. Quando, então, a especificação ocorre? Antes do início da agricultura cerca de dez mil anos atrás, ou após o nascimento da Internet? Não haveria maneira de dizer. Podemos presumir que, hoje, Inuits e Andaman Islanders são cruzamentos férteis, mas quem sabe? A diferença entre “em princípio” de isolamento reprodutivo (por causa do acúmulo de diferenças genéticas e comportamentais que tornam a prole “impossível”) e o fato de isolamento reprodutivo, que já foi o caso de muitos milhares de anos, não é em si mesmo uma distinção a princípio.

Um exemplo menos impressionante do mesmo fenômeno do gradualismo é a chegada da maioridade, no sentido de ser maduro o suficiente e suficientemente bem informado para ser adequado para o casamento, ou para dirigir um carro. Ele virá como nenhuma surpresa, já que não existe um momento especial de motorista, quando um adolescente cruzar a fronteira entre ser muito imaturo para ter o direito de solicitar uma carteira de motorista, e ser adulto o suficiente para ser permitida a liberdade da estrada ao

volante. Alguns jovens são manifestamente maduros aos quatorze anos para serem candidatos razoáveis para uma carteira de motorista, e outros ainda são tão desatentos e impulsivos aos dezoito anos que estremecem com a perspectiva de deixá-los na estrada. Temos resolvido (na maioria das jurisdições) sobre a política de dezesseis anos de idade ser um limiar adequado, e o que isto significa é que nós simplesmente nos recusamos a considerar defesa especial em nome de uma maturidade pouco mais jovem, e também se abstenha de impor barreiras extras sobre os dezesseis anos de idade que conseguem passar no teste de condução de forma justa, apesar de nossas desconfianças sobre a segurança de deixá-los na estrada. Em suma, estabelecer um limiar convencional que sabemos que não marca qualquer marca especial interna (mielinização do cérebro, QI, conhecimento factual, o início da puberdade), mas parece-nos um compromisso suficientemente bom entre liberdade e segurança pública. E uma vez que resolver sobre ele, nós pararemos de tratar o local do limiar como um tema adequado para o debate. Há muitas controvérsias importantes para considerar e explorar, e isso não é um deles. Não como uma regra geral. Surpreendendo, as novas descobertas podem, em princípio, provocar uma reconsideração, em qualquer momento, mas estamos promovendo uma espécie de inércia que coloca disputas de fronteira fora dos limites para o momento.

Por que não é freqüente a pressão dos jovens de 15 anos para baixar a idade legal de dirigir?

Não é que eles tendam a não ser bem organizados particularmente ou articulados eleitoralmente. Mesmo que reconheçam que logo eles irão completar 16 anos, e então terão melhores formas de gastar suas energias na articulação de uma política mais razoável, que considera todas as coisas. Além disso, eles geralmente se utilizam de mecanismos de uma dinâmica social que produz uma dificuldade metódica na montagem de uma campanha de mude a idade. Nós adultos criamos uma estrutura de presunção silenciosa, explorando a responsabilidade dos adolescentes antes de muitos terem a competência técnica necessária, incentivando assim que eles tentem crescer dentro de um modelo que pretendemos conceder-lhes de desencorajamento de qualquer ação de um comportamento que poderia ser interpretado como uma birra, que por exemplo impediria seu caminho à maturidade. Eles são aprisionados em um círculo vicioso: quanto mais eles protestam, mais eles põem em xeque a sabedoria de sua causa. Nos vários projetos que enfrentam, esta não é a opção mais atraente.

A idade mínima para dirigir não é uma importância sagrada, mas isso identifica valores sagrados das características interessantes de deixar ser considerado o melhor examinador, por terem consenso comum entre uma parcela considerável da sociedade. E esta é uma justificativa extremamente razoável para esta inércia. Nós humanos temos vidas de chumbo fundidas em longas vigas de antecipação para um futuro nebuloso e nós apreciamos, implicitamente ou explicitamente, quase todos os pontos fixos que podem reduzir nossas incertezas. Às vezes isto é tão óbvio que acaba sendo banal. Por que guardar dinheiro para a educação de nossos filhos, se no futuro dinheiro pode não ter nenhum

valor? Como você poderia justificar passar por todos os problemas de construir uma casa se você não pode presumir que você será capaz de ocupá-lo sem qualquer contestação? Lei e ordem são condições prévias para o planejamento de um tipo de vida ambicioso que queremos. Mas nós queremos mais do que apenas um aparelho de Estado forte que podemos contar sem vacilar na sua legislação, ou caprichoso em execução. Nós como sociedade precisamos desenhar algumas frases brilhantes na legislação e ficar com elas.

Isso significa não apenas a promulgação deles ou votar neles, mas colocá-los em igualdade de peso de uma segunda opinião, então estas pessoas podem organizar seus projetos de vida com uma expectativa razoável que seus pontos fixos não mudarão constantemente sob a pressão de um ou outro partido. Nós queremos que seja um ambiente de atitudes de mútuo reconhecimento da estabilidade da suposição moral-e não legal-que podem ser tomadas como garantia, algo se aproximando da meta-consenso entre aqueles que alcançarem um consenso inicial sobre o já iniciado: vamos deixá-los bastante sozinhos agora que podemos fixá-los. Em um mundo onde qualquer candidato de uma frase brilhante na moralidade é constantemente cercado por opositores que gostariam de mudar isso, sua confiança é abalada por qualquer conduta cotidiana irrepreensível. Considere que, atualmente, em muitas partes do mundo, as mulheres simplesmente não podem usar casacos de peles em público com as atitudes que suas mães podiam usar. Hoje, ao vestir vestindo um casaco de peles, ela está fazendo uma declaração política, e não se pode simplesmente fugir negando a intenção. Dirigir um carro a gás ecologicamente correto carrega um peso semelhante. As pessoas podem ressentir-se das atividades dos partidários que conseguiram essas mudanças de opinião, embora eles possam compartilhar muitas das suas atitudes sobre os direitos dos animais ou da política energética, elas fizeram investimentos com toda a inocência. Vamos supor, que agora estão sendo desvalorizadas. Se pudessem antecipar essa mudança na opinião pública, poderiam ter gasto seu dinheiro melhor.

Estas observações não deixam dúvidas, eu acho. No entanto, como podemos aplicar essa compreensão familiar para as questões inquietantes que cercam a criação e manipulação e a interrupção da vida humana, e do estatuto especial que se deve desfrutar? Ao reconhecer, em primeiro lugar, que nós estamos nos afastando dos meios tradicionais de fixar esses limites, os quais não vão continuar funcionando, já que eles são apenas muito frágil para o século 21.

Sabemos demais. Ao contrário dos tradicionais valores sagrados que dependem da aceitação generalizada dos mitos (que, mesmo se for verdade, são manifestadamente injustificadas, por isso é que nós os chamamos de mitos, em vez de conhecimento comum), temos necessidade de promover os valores que podem suportar o controle sobre a sua própria criação. Ou seja, temos de nos tornar auto-conscientes sobre a nossa dependência de tais políticas, sem o processo de destruição de nossa fé nelas.

Crença na crença

Precisamos compreender a importância, em geral, do fenômeno da crença na crença¹⁰. Considere alguns casos que são importantes hoje. Porque muitos de nós acreditamos na democracia e reconhecemos que a garantia da democracia no futuro depende crucialmente da manutenção da crença na democracia, estamos ansiosos para citar (e citar e citar) a famosa frase de Winston Churchill: “A democracia é a pior forma de governo, exceto todas as outras que foram experimentadas”. Como guardas da democracia, que muitas vezes são conflitantes, ansiosa para apontar as falhas que devem ser reparadas, enquanto apenas anseio para tranquilizar as pessoas que as falhas não são tão ruins, que a democracia pode se policiar, assim sua fé não acaba extraviada.

A mesma observação pode ser feita sobre a ciência. Desde que a crença na integridade dos procedimentos científicos é quase tão importante quanto a integridade do real, há sempre uma tensão entre um delator e as autoridades, mesmo quando eles sabem que têm atribuídas, erroneamente, respeitabilidade científica sobre um resultado obtido fraudulentamente. Deveriam eles rejeitar calmamente o trabalho ofensivo e discretamente julgar o autor, ou deveriam fazer um grande mau barulho¹¹?

E, certamente, alguns dos fascínios públicos por ensaios célebres, pode ser explicado pelo fato de que a crença nas leis do Direito ser considerada um ingrediente vital em nossa sociedade, por isso, se as pessoas famosas são consideradas como estando acima da lei, isso coloca em risco a confiança geral na lei do Direito. Portanto, não estamos apenas interessados no julgamento, mas nas reações do público ao julgamento, e às reações a essas reações, a criação de um círculo vicioso na cobertura da mídia. Nós, que vivemos em democracias nos tornamos um pouco obcecados com a aferição da opinião pública sobre todos os tipos de temas, e por boas razões: uma democracia que realmente se importa com o que as pessoas acreditam. Se o público não pode ser mobilizado em momentos de indignação por denúncias de corrupção, ou a tortura de prisioneiros pelos nossos agentes, por exemplo, o nosso controle democrático está em perigo. Em seu livro esperançoso, *Desenvolvimento como Liberdade e outros lugares*¹², o economista ganhador do prêmio Nobel, Amartya Sen, observa como ponto importante, que você não tem que vencer uma eleição para conseguir seus objetivos políticos. Mesmo em democracias instáveis, o que os

¹⁰O que se segue é desenhado, com revisões, de meu *Breaking the Spell*, capítulo 8.

¹¹ Como Richard Lewontin recentemente observou: “Para sobreviver, a ciência deve expor a desonestidade, mas toda essa exposição pública produz cinismo sobre a pureza e desinteresse da instituição e fornece combustível para o anti-racionalismo ideológico. A revelação de que o paradoxo de Piltdown Man, crânio fóssil, foi, na verdade, um trote e um grande alívio para os paleontólogos perplexos, mas um motivo de grande júbilo em tendas Texas”. “Veja sua desonestidade na revista *Science*”, *New York Review of Books*, 18 de novembro de 2004, p. 38-40.

¹² Amartya Sen, *Development as Freedom* (Nova York: Knopf, 1999), ver também o seu “*Democracy and Its Global Roots*”, *Nova República*, 6 de outubro de 2003. 28-35.

líderes acreditam serem as crenças que prevalecem nos países influencia o que eles escolhem como opções para ser realista, de modo que a crença auxiliar é um objetivo político importante em seu próprio direito.

Ainda mais importante do que convicções políticas, aos olhos de muitos, é o que poderíamos chamar de crenças metafísicas. Nihilismo, a crença em nada - tem sido vista por muitos como um vírus profundamente perigoso, por razões óbvias. Friedrich Nietzsche, quando bateu em cima de sua idéia do eterno retorno, pensou que tinha provado que revivemos nossas vidas infinitas vezes; sua primeira afirmação (de acordo com algumas histórias) era a de que ele deveria se matar sem revelar a experiência, a fim de poupar outros a partir desta vida, destruindo a opinião¹³. A crença na crença de que a matéria é algo compreensível forte e generalizada. A crença no livre-arbítrio é uma outra visão vigorosamente protegida, pelas mesmas razões, e àqueles em que investigações parecem pôr em perigo os outros que às vezes são deturpados deliberadamente, a fim de desacreditar no que é visto como uma perigosa tendência¹⁴. O físico Paul Davies, recentemente defendeu que a crença no livre-arbítrio é tão importante que pode ser “uma ficção que vale a pena manter”¹⁵. É interessante como ele não parece pensar que a sua própria descoberta da terrível verdade (que ele considera ser a verdade terrível) incapacite-o moralmente, mas que outros, mais frágeis do que ele, terão de ser protegidos contra ela.

Isto ilustra o risco sempre presente de paternalismo quando a crença na crença encontrar um ameaça: devemos manter os fatos que não se pode esperar para lidar com “as crianças” de forma segura. E assim, muitas vezes as pessoas tornam-se sistematicamente hipócritas ao defender uma tese. Ser portador involuntário ou negligente das notícias boas ou más notícias é uma coisa, se auto-nomear um defensor da idéia é algo completamente diferente. Uma vez que as pessoas começam a se comprometer (em público, ou apenas em seus “corações”) com idéias particulares, um estranho processo dinâmico é trazido à tona, em que o compromisso inicial fica enterrado em camadas peroladas de reação defensiva e meta-reação. “Regras pessoais são um mecanismo recursivo; eles continuamente tomam o seu próprio pulso, e se sentirem vacilar, fato que muito irá acontecer algo ainda mais vacilante”, o psiquiatra George Ainslie observa isso em seu livro notável, *Breakdown of Will*¹⁶. Ele descreve a dinâmica destes processos em termos de concorrência, compromissos estratégicos que podem agir para o controle em uma organização ou um indivíduo. Uma vez que você começar a viver por um conjunto de regras explícitas, as estacas são levantadas: quando você é descuidado, o que deve fazer?

¹³ Para uma discussão sobre Nietzsche e sua resposta filosófica para a teoria da evolução de Darwin pela seleção natural, ver *Darwin's Dangerous Idea: Evolution and the Meanings of Life* (Nova York: Simon & Schuster, 1995).

¹⁴ Daniel C. Dennett, *Freedom Evolves* (Nova York: Viking Penguin, 2003).

¹⁵ Paul Davies, “Undermining Free Will”, *Foreign Policy*, Setembro/ Outubro, 2004.

¹⁶ George Ainslie, *Breakdown of Will* (Cambridge: Cambridge University Press, 2001), p. 88.

Punir a si mesmo? Perdoar-se? Fingir que você não percebeu?

Depois de um descuido, os juro de longo alcance são uma incômoda posição para um país que ameaçou entrar em guerra por uma determinada circunstância que então ocorreu. O país quer evitar uma guerra sem destruir a credibilidade em sua ameaça e pode, portanto, procurar formas de ser visto como não tendo detectado a circunstância. Seu interesse desacerbado sofrerá se você se pegar ignorando um descuido, mas talvez não se consiga organizá-lo para ignorar sem ser pego. Este acordo, também, deve passar despercebido, o que significa que um processo bem sucedido de ignorar deve estar entre os expedientes mentais que surgem por tentativa e erro, os que você mantém simplesmente porque eles fazem você se sentir melhor sem a sua realização¹⁷.

Essa idéia de que há mitos que vivemos, os mitos, que não devem ser perturbados a qualquer custo, está sempre em conflito com o nosso ideal de busca da verdade e dizer a verdade, às vezes com resultados lamentáveis. Por exemplo, o racismo é finalmente reconhecido como um grande mal social, muitas pessoas vieram reflexivamente para endossar a crença de segunda ordem que a crença na igualdade de todas as pessoas, independentemente da sua raça, deve ser vigorosamente promovida. Como vigorosamente? Aqui, as pessoas de boa vontade são muito diferentes. Alguns acreditam que a crença em diferenças raciais é tão perniciosa que, mesmo quando é verdade deve ser reprimida. Esta situação levou a alguns excessos verdadeiramente lamentáveis. Por exemplo, não são claros os dados clínicos sobre como as pessoas de diferentes etnias são suscetíveis à doença, ou respondem de forma diferente a várias drogas, mas esses dados são considerados fora dos limites por alguns pesquisadores, e por alguns financiadores de pesquisa. Isto tem o efeito perverso que indica fortemente linhas de pesquisa que são deliberadamente evitadas, para grande detrimento da saúde dos grupos étnicos envolvidos¹⁸.

Ainslie descobre convicção estratégica de manutenção em uma ampla variedade de práticas humanas desejadas:

Atividades que são estragadas por resultados, ou resultados com eles, têm de ser efetuadas através do engano, se forem ficar validadas. Por exemplo, o romance empreendido para o sexo ou até mesmo “ser amado” é pensado como denso, como são algumas das profissões mais lucrativas, se realizada por dinheiro, ou a arte da performance se feito para o efeito. Uma consciência muito grande das contingências de motivação para o sexo, afeto, dinheiro, ou estraga

¹⁷ Idem, p. 150.

¹⁸ Existem diferenças significativas no câncer de mama, hipertensão e diabetes, a tolerância de álcool, e muitas outras condições estudadas. Ver Christopher Li, et al. “Differences in Breast Cancer Stage, Treatment, and Survival by Race and Ethnicity”, *Archives of Internal Medicine* 163 (2003): 49-56; para uma visão geral, consulte Ciências da Saúde da Diretoria (HSP) 2003, *Unequal Treatment: Confronting Racial and Ethnic Disparities in Health Care*.

aplausos o esforço, e não só porque desiludem as outras pessoas envolvidas. Crenças sobre o valor intrínseco destas atividades são avaliadas além de qualquer precisão que estas crenças podem ter, porque promovem o engano necessário¹⁹.

Então, que tipo de equilíbrio podemos atingir? Se quisermos manter a importância de todas as decisões sobre a vida e a morte, e tomar as medidas que elevem a decisão para além dos aspectos práticos do momento, temos de garantir a apreciação deste fato e animar a imaginação das pessoas para que possam reconhecer e evitar na medida do possível, e condenar, atividades que tendem a minar a confiança do público no pressuposto sobre o que é e deve ser impensável. Um exemplo flagrante da falta de apreciação desta é a proposta do presidente Bush de reconsiderar e unilateralmente refinar a caracterização deliberadamente vaga da Convenção de Genebra de tortura como “ultrajes à dignidade pessoal”. Ao declarar que os Estados Unidos estão ansiosos para ser um pioneiro na adaptação do que tem sido mutuamente acordado para ser impensável, esta política está profundamente subversiva à confiança internacional, e à integridade nacional. Nós, como uma nação, não podemos mais ser vistos como sendo possível pensar acima das exceções; discutível para o valor sagrado de não torturar as pessoas, e isso diminui a nós de maneira que será difícil, senão impossível, uma reparação.

Que forças podemos esperar para encaminhar ao nosso desejo de preservar o respeito pela dignidade humana? Leis proíbem; tradições encorajam e desencorajam e, no longo prazo, as leis são impotentes para conter a linha se não forem apoiadas por uma tradição, pelo reconhecimento mútuo da maioria das pessoas de preservar as condições que merecem preservação. Opinião global, como acabamos de ver, não pode ser válida para desencorajar todos os atos de degradação do ambiente de crença, mas ela pode ser reforçada com mais tradições locais. Os médicos, por exemplo, têm seu código proprietário da ética, e a maioria deles justamente cobiçam a relação contínua dos seus colegas, uma motivação intensificada pelo sistema de responsabilidade jurídica e pelo seguro, que se tornou um pré-requisito para a prática. Depois, há as leis de responsabilidade objetiva, que têm como alvo as ocupações sensíveis, como farmacêutico e médico, removendo preventivamente a desculpa da ignorância e, assim, coloca todos os que ocupam essas posições em pré-aviso de que eles serão responsabilizados ou não têm o que de outra forma seria uma razoável alegação de ignorância inocente. Assim prevenidos, eles ajustam seus padrões e projetos nesse sentido, errando no lado de extrema cautela e mantendo uma distância saudável entre si e as conseqüências legais. Qualquer um que tenta construir uma rede deste tipo de sistemas flexíveis e se apóiam mutuamente desanimados na adulteração das idéias tradicionais sobre a dignidade humana irá falhar a menos que atendam a “cenoura”, assim como a “vara”. Como podemos despertar e preservar a lealdade sincera aos ideais de dignidade humana? Da mesma forma que estamos promovendo o amor de

¹⁹ George Ainslie, précis of Breakdown of Will, in Behavioral and Brain Sciences 28 (2005): 635-650, p. 649.

uma sociedade democrática e livre: pela garantia de que se pode viver a vida em um regime deste tipo é melhor do que as alternativas disponíveis.

E aqueles que são visivelmente impacientes com a tradição, e mesmo com os valores que a tradição concorda? Temos de reconhecer que há uma minoria de pessoas que professam despreocupação na aceitação de um assunto totalmente prático e abordando de fato a vida, que zombam das preocupações com visões românticas como um Frankenstein. Dada a presença e poder de articulação desses defensores, fazemos bem para ter uma base de repouso que pode resistir a um escrutínio e que está preparada para defender, em termos diferentes de nostalgia, nomeadamente os valores que estamos tentando proteger. Esse é o gérmen da verdade em multiculturalismo. Precisamos articular esses valores em fórum aberto. Quando tentamos isso, precisamos resistir à tentação de recorrer aos velhos mitos, já que eles estão cada vez mais desacreditados, e só vão favorecer a incredulidade e o cinismo que nós devemos persuadir. Desconforto no apoio aos mitos tradicionais vão sair pela culatra, digamos assim. Nossa única chance de preservar uma respeitável permanência da tradição é o de assegurar que os valores que defendemos merecem o respeito de todos²⁰.

²⁰ Agradeço Gary Wolf, McGeer Tori e Philip Pettit por fazerem perguntas que cristalizaram meu pensamento sobre estes temas.